

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALINE ARIANE FRANCO DE MELLO

**“O DISCURSO DA MÍDIA PARA A TEMÁTICA
DA VIOLÊNCIA ESCOLAR”**

A large, abstract graphic in the bottom right corner consisting of overlapping light blue and white geometric shapes, resembling a stylized globe or a network of lines.

Rio Claro
2010

ALINE ARIANE FRANCO DE MELLO

“O DISCURSO DA MÍDIA
PARA A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR”

ORIENTADORA: LEILA MARIA FERREIRA SALLES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciatura em Pedagogia.

Rio Claro
2010

371.5 Mello, Aline Ariane Franco de
M527d O discurso da mídia para a temática da violência escolar /
Aline Ariane Franco de Mello. - Rio Claro : [s.n.], 2010
52 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Leila Maria Ferreira Salles

1. Disciplina escolar. 2. Mídia impressa. 3. Violência -
Aspectos sociológicos. I. Título.

DEDICATÓRIA

A minha amada tia Nilséia Aparecida Franco (in memorian), por tudo o que fez por mim. Especialmente porque sempre desejou e incentivou-me a cursar uma Universidade Pública.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre ouvir minhas preces e ser minha inspiração.

À minha orientadora Profa. Dra. Leila Maria Ferreira Salles, pela paciência, dedicação e competência na orientação deste trabalho.

Às minhas colegas de curso, em especial: Juliene Jóia, Gláucia de Assis Gomes, Rianny Cristina de Oliveira, Marília Belotto, Vanessa Galzerano, Paula Cristina da Silva Gonçalves, e outros. Obrigado pelos momentos de reflexão e de crescimento, pela companhia nas horas de estudo e nas de diversão também.

À minha família, em especial ao meu marido e minha mãe, que souberam compreender meus momentos difíceis.

Aos professores do curso, em especial Márcia R. Pechula, Jorge L. Mialhe, Romualdo Dias, Laura Chaluh, Raquel F. Borghi. Obrigada a todos pelo exemplo de trajetória acadêmica.

A todos que de longe ou de perto me acompanham na caminhada da vida: um grande abraço.

OBRIGADA.

***“É NOSSO DEVER
PROCEDER COMO SE NÃO
EXISTISSEM LIMITES PARA
AQUILO QUE PODEMOS
FAZER”
(TEILHARD DE CHARDIN)***

RESUMO

Sabendo-se da importância da mídia em informar e difundir a cultura, faz-se necessário uma análise de suas influências junto a seus receptores. Para tanto, o presente trabalho propôs verificar a maneira como a temática da violência escolar é abordada por três mídias impressas, escolhidas para a pesquisa. Foram investigadas três mídias de circulação nacional, com periodicidades semanais, quinzenais e mensais e com públicos-alvo direcionados ou não. Os alvos de reflexão para a pesquisa foram o tema violência escolar e o discurso da mídia sobre esse tema a fim de verificar sua possível contribuição para a resolução dos problemas relacionados à violência nas escolas. Também foi feita uma análise bibliográfica acerca do assunto pesquisado para fundamentar a análise dos dados coletados. Diante dos objetos estudados a pesquisa apresentou alguns dados indicativos positivos, porém observou-se que ainda é preciso avançar no conteúdo das questões e assuntos que abordam a violência escolar.

Palavras-chave: Mídia, Mídia Impressa, Violência, Violência Escolar

SUMÁRIO

PÁGINA

INTRODUÇÃO.....	7
CAPITULO 1: O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA	9
1.1 INTRODUÇÃO À TEMÁTICA VIOLÊNCIA.....	9
1.2 FATORES QUE EXPLICAM A VIOLÊNCIA.....	12
1.2.1 O ASPECTO BIOLÓGICO.....	12
1.2.2 O ASPECTO ESTRUTURAL.....	13
1.2.3 O ASPECTO CULTURAL.....	15
1.3 O PAPEL DA FAMÍLIA.....	16
CAPITULO 2: A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA ESCOLA.....	21
2.1 DEPREDÇÃO.....	22
2.2 BULLYING.....	25
2.3 PISTAS PARA COMPREENDER O SIGNIFICADO DA VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR.....	27
CAPITULO 3: A MÍDIA IMPRESSA - UM OLHAR SOBRE A REVISTA NOVA ESCOLA, O CADERNO FOLHATEEN E A REVSTA VEJA.....	30
3.1 A MÍDIA IMPRESSA: SUAS CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS.....	30
3.2 A REVISTA NOVA ESCOLA, UM BREVE HISTÓRICO.....	32
3.3 O CADERNO FOLHATEEN, UM BREVE HISTÓRICO.....	33
3.4 A REVISTA VEJA, UM BREVE HISTÓRICO.....	35
3.5 A VIOLÊNCIA ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DOS PERIÓDICOS IMPRESSOS.....	36
3.5.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA REVISTA NOVA ESCOLA.....	36
3.5.2 A VIOLÊNCIA ESCOLAR O CADERNO FOLHATEEN.....	40
3.5.3 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA REVISTA VEJA.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

INTRODUÇÃO

A violência escolar é hoje um dos temas de maior destaque na mídia, como também nas ruas, obrigando-nos a constatar que este fenômeno invadiu parte das nossas vidas e das nossas relações.

Existem vários tipos de violência dentro da escola, levando-nos muitas vezes a investigar os fatores que a desencadearam, se externos ou não, na tentativa de encontrar a solução para minimizar esse problema que aflige não somente a comunidade escolar, mas a sociedade como um todo.

Baseando-se na importância de se levar em consideração nos estudos sobre violência as suas relações com a cultura, o presente trabalho propõe pesquisar como a violência escolar é abordada pela mídia impressa, investigando a relação mídia-leitor.

Muito se fala sobre a influência da mídia e sobre o seu poder de persuasão. Através de seus discursos, a mídia pode influenciar as opiniões e propor soluções para os problemas sociais. É nesse sentido que se tem por intenção avaliar os conteúdos veiculados pela mídia nas reportagens que farão parte da pesquisa do presente trabalho.

Como problema de investigação podemos chegar à seguinte questão: A mídia, em seu discurso sobre a violência do âmbito escolar, preocupa-se em transmitir aos seus leitores uma informação conscientizadora, capaz de contribuir para a solução desses problemas?

Ao longo deste trabalho, serão alvo de reflexão: o fenômeno da violência escolar e seus diversos tipos de manifestações; o papel da mídia como um agente educacional e a forma como a mídia impressa retrata a temática violência escolar; a análise dos conteúdos veiculados no período estipulado pela pesquisa.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo:

- caracterizar a temática da violência escolar conforme retratada nas reportagens das revistas Veja, Nova Escola e do Caderno Folhateen.

Busca-se por meio da análise das reportagens veiculadas por essas mídias impressas refletir sobre o problema da violência escolar.

Esta pesquisa de caráter qualitativo utilizou como indicado no objetivo, como fontes documentais as revistas Veja, Nova Escola e o caderno Folhateen, do jornal Folha de São Paulo. Os três impressos são considerados instrumentos de circulação

nacional que procuram, no caso da Veja e do Folhateen refletir sobre os fatos que foram destaques na semana, ou no mês e contribuir por meio de subsídios para a atuação na escola no que se refere à revista Nova Escola.

O caderno Folhateen, publicado às segundas-feiras é direcionado ao público jovem trazendo uma linguagem mais acessível e reportagens com temas relacionadas ao contexto vivido por esse público. Já a revista Veja atinge um público-alvo mais abrangente, quase sempre adulto. A revista Nova Escola é direcionada aos educadores e profissionais da educação e busca discutir questões do âmbito escolar, assim como os orienta para a ação prática.

Essas três fontes também foram escolhidas porque geralmente os temas abordados pelas mesmas, geram questionamentos e debates na sociedade geral e na escola em particular.

Nesta pesquisa foram identificados os artigos publicados nas revistas Veja, Nova Escola e no caderno Folhateen, no período de setembro de 2008 a julho de 2009 que trataram do tema violência escolar.

Também foi feita uma análise bibliográfica acerca do assunto pesquisado para fundamentar a análise dos dados coletados.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O capítulo 1, intitulado “O fenômeno da violência” caracteriza o tema violência e cita alguns fatores que podem explicar esse fenômeno, além de destacar o papel da família na concepção de valores éticos. O capítulo 2 aborda os diferentes tipos de manifestações da violência que acontece dentro da escola e aponta algumas pistas para se compreender o a violência no âmbito escolar. O capítulo 3 denominado “A mídia impressa: um olhar sobre a revista Nova Escola, o Caderno Folhateen e a revista Veja,” trata da mídia impressa em geral e faz uma descrição das três mídias escolhidas como objeto de estudo desse trabalho. Faz ainda uma análise da violência escolar sob a perspectiva dos periódicos pesquisados, procurando analisar e refletir sobre as reportagens que foram publicadas sobre o tema violência escolar nestes três veículos de mídia impressa, durante o período de tempo estipulado para esta pesquisa. Por fim, são feitas algumas considerações sobre o objeto de estudo enfocado neste trabalho.

CAPÍTULO 1: O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA

1.1 INTRODUÇÃO À TEMÁTICA VIOLÊNCIA

Para discutir a violência na escola, bem como aquela que faz parte do nosso cotidiano faz-se necessário, primeiramente, compreendermos a violência e suas causas.

Definir ou nomear o que conhecemos como violência não é tarefa fácil; todavia, alguns elementos consensuais podem ser delimitados tomando por base Waiselfisz (1998, p.16): noção de coerção ou força e/ou dano que se produz em indivíduo ou grupo social pertencente à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia.

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD in WAISELFISZ, 1989, p. 16).

Assim conforme o colocado acima a violência esta presente quando há um desequilíbrio nas relações de poder:

Nas relações entre negros e brancos, entre adultos e crianças torna-se evidente a assimetria de poder. Quanto a estas últimas, por exemplo, vivemos numa sociedade adultocêntrica, em que a criança é tutelada pelo adulto. Até determinado momento o indivíduo criança não existe do ponto de vista dos direitos. (ADORNO, in GROSBAUM, 1994, p. 25)

Especificamente sobre o aspecto físico, Candau (1999, p.19) afirma:

Por violência entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária (...). A intervenção física, na qual a violência consiste tem por finalidade destruir, ofender e coagir (...). A violência pode ser direta ou indireta. É direta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra (...) ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é o alvo da ação violenta.

A possibilidade da relação social que se instalaria pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito é negada porque, para Sposito (1998, p. 60), *a violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força.*

Segundo Adorno in Grosbaum (1994, p. 20), hoje:

[...] a violência não é patrocinada apenas pelo Estado, mas está sendo disseminada pelo conjunto da sociedade. O mais grave é a aceitação por parte da opinião pública de que certos problemas e conflitos no interior da sociedade sejam resolvidos com mão forte, desde questões mais gerais, como reivindicações sociais ou greves, até situações mais domésticas – quando se acredita que crianças e adolescentes devem ser realmente tratados com o velho estilo das palmadas, cujo limite ninguém sabe muito bem qual é. Por sinal, hoje é praticamente inexistente a diferença entre criar e educar uma criança ou um adolescente.

A fim de reconhecer os elementos que compõem a violência na sociedade moderna, Maffesoli (1981) destacou três modalidades: a violência dos poderes instituídos, a violência anômica e a violência banal.

A violência dos poderes instituídos se manifestaria na ação que planifica e que controla racionalmente a vida social através da burocracia. A burocracia possibilitaria a criação do aparelho administrativo que garantiria a gestão das instituições segundo uma lógica homogênea e domesticada. Ela planifica os papéis, interioriza a coerção, elimina o acaso, e, finalmente, transforma sujeitos em objetos da ação racional burocrática.

A violência anômica se manifestaria nas tendências destrutivas, cruéis e agressivas e representariam formas de protesto contra a homogeneização constitutiva do tecido social. Maffesoli sugeriu que a violência gerada pelo inesperado comportamento heterogêneo poderia ser pensada como fonte de vida, ela seria regeneradora ou fundadora de uma nova ordem que desequilibraria os mecanismos produtores da passividade mortífera e da monotonia generalizada.

A violência banal seria todo tipo de banalidade que, ao não se integrar completamente ao instituído, se oporia a ele subvertendo a possibilidade da planificação recobrir o social por inteiro. Para Maffesoli o conformismo e a aparente alienação das massas pode expressar uma duplicidade: aceitação e resistência. (MAZZA, 2000, p. 10-11)

Hoje a população em geral, e a brasileira em particular, vive majoritariamente nas cidades. Deste modo, dada a grande concentração da população na área urbana, alguns estudos têm procurado analisar a violência que ocorre nas grandes cidades. Embora a violência urbana não seja fenômeno recente, os estudos

existentes chamam a atenção para as proporções e os desdobramentos que vêm assumindo a sua manifestação entre os diversos setores da sociedade.

Estas preocupações em torno da violência na população urbana podem ser facilmente identificadas nas mudanças de conduta das pessoas que demonstram atitudes de medo e adotam medidas de prevenção, no discurso dos meios de comunicação que apresentam a todo o momento situações violentas de forma banal de tal forma que tem-se assistido com certa frequência à explosão da violência veiculada nos meios de comunicação de massa, na análise política através do lançamento de programas que visam a manutenção da ordem e da segurança nacional, nas plataformas eleitorais em discursos fervorosos em prol da segurança da população, nos trabalhos acadêmicos e nos diversos projetos institucionais realizados prioritariamente através de Organizações Não Governamentais (ONGs).

Devido às mudanças sociais provocadas pela industrialização, globalização e crescente aumento urbano, com características muito dramáticas para países em desenvolvimento, o conceito de violência também se ampliou.

A compreensão das diversas formas de violência deve estar atrelada às novas formas e novos estilos de relações sociais, que se baseiam no tipo de sociedade em que as pessoas estão inseridas, apontando para mudanças nas formas de violência e nas respostas sociais.

Se cada período histórico instaura seus modos específicos de sociabilidade, seu leque peculiar de formas de ação e de relação entre os homens, podemos verificar que assistimos neste fim de século a uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de um fenômeno que pareceria ser uma das características marcantes de nossa época: a violência. Como coloca Wieviorka (1997), "mudanças tão profundas estão em jogo que é legítimo acentuar as inflexões e as rupturas da violência, mais do que as continuidades". Assim, o contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas várias esferas da vida societária. (WAISELFISZ, 1998, p.15)

Diante do aumento da violência pensamos na banalização da violência. Banalizar significa cair na rotina, aceitar o que é corriqueiro, cotidiano. Tudo o que é banal não tem importância, não provoca impacto, nem chama a atenção. Para Levisky (1997), em uma sociedade onde a violência está banalizada, ou não é

identificada como um sintoma da patologia social corre-se o risco de que ela se transforme num valor cultural válido a ser incorporado.

Porém, mesmo banalizada a violência gera medo. De acordo com Teixeira (1998, p. 55), o medo como corolário da violência faz parte de nossa natureza, mas seus objetos são historicamente determinados, assim como as formas de organização social para combatê-lo.

Para a referida autora, o medo opera como mediação simbólica entre o indivíduo e a sociedade, consolidando crenças e dúvidas e articulando-os em significações coletivas acumuladas. Para ela o medo é palpável em todos os aspectos da vida cotidiana e seu impacto no cotidiano caracteriza-se, basicamente, por dois aspectos:

1. Transforma as relações sociais, fazendo de cada indivíduo uma vítima atual ou potencial, ou um suspeito permanente, desenvolvendo formas de solidariedade e identificação ou colocando uns contra outros.
2. Cria novos lugares de encontro, de sociabilidades, originando aventuras comunitárias de proteção coletiva, que mobilizam os grupos em torno das figuras do medo.

Sendo assim, a violência é hoje não só o mecanismo de submissão e sujeição dos indivíduos, mas também e, sobretudo, uma linguagem da vida social.

Com o intuito de refletirmos sobre essa situação, trataremos em seguida sobre as possíveis causas para comportamentos violentos apontados na bibliografia estudada. De forma geral, a literatura na área aponta três tipos de fatores que explicariam os comportamentos violentos: o aspecto biológico, o aspecto estrutural e o aspecto cultural. Contudo, deve ficar claro que essa divisão só ocorre para facilitar o entendimento do tema e é utilizada por diversos autores com o mesmo objetivo. Devemos considerar a soma de todas essas causas se quisermos, de fato, pensar sobre violência.

1.2 FATORES QUE EXPLICAM A VIOLÊNCIA

1.2.1 O ASPECTO BIOLÓGICO

A dimensão pessoal que origina os comportamentos violentos é exaltada nas teorias que privilegiam os mecanismos internos do indivíduo como os determinantes fundamentais que podem influir predispondo um indivíduo à criminalidade.

Nesse sentido, a explicação biológica atribui às estruturas individuais, aos atributos da personalidade as causas da violência.

Essas teorias (ABRAMOVAY, 1999, ASSIS, 1999) destacam que o fator biológico, influenciado pelo meio em que o indivíduo está inserido e a personalidade dos indivíduos, são fatores que impulsionam à violência.

Com relação à violência tendo como causa determinantes internos, TIBA (1996) remete as explicações para o que denomina prazer pela violência.

A violência alimenta o circuito de recompensa, quando na base da força física, da estupidez, ou na estratégia do desrespeito humano o indivíduo consegue o que quer. Para o cérebro não importa os meios da conquista e sim a gratificação. Surge o prazer pela violência.

Para o autor citado, todo ser humano tem um componente agressivo em potencial que podem ser agravadas por condições socioeconômicas. Ou seja, para Tiba (1996), muitos indivíduos agem de forma violenta porque são pessoas com uma determinação genética que beneficiaria essa situação.

1.2.2 O ASPECTO ESTRUTURAL

Outros autores explicam o aumento da violência através das modalidades que o desenvolvimento econômico vem assumindo no mundo todo. Essas análises privilegiam a dimensão estrutural como desencadeante da violência.

A aceleração do desenvolvimento tecnológico, juntamente com outros fatores, estaria gerando uma capacidade cada vez menor de absorver produtivamente os novos contingentes humanos, criando um alto índice de desemprego.

A isso deve se agregar o fato de que a “transição” ao mundo adulto é hoje bem mais prolongada que no passado. O ingresso no mundo da maturidade, cultural e socialmente definida, no mundo do trabalho e da autonomia financeira, está a exigir idades mais avançadas e competências cada vez mais complexas.

De forma semelhante, o incremento da riqueza e da pobreza, estaria gerando e consolidando a exclusão e a vulnerabilidade de vastos setores da população que, seriamente ameaçadas pela miséria, estariam encontrando no crime e na violência seus mecanismos de subsistência. (ABRAMOVAY, 1999, p. 14)

Na dimensão estrutural, a desigualdade social é considerada como fator impulsivo à violência. Embora Candau (1999) acredite que a pobreza por si só não é capaz de explicar a violência na sociedade brasileira, juntamente com Medrado (1999), afirma que a pobreza e a miséria, não respondem como fatores isolados pela onda de violência urbana, intrinsecamente são fatores fecundos ao desenvolvimento de violências diversas.

Para Galtung (1994), violência estrutural refere-se às condições adversas de vida como: a miséria, a má distribuição de renda, o trabalho escravo, a falta de emprego, o difícil acesso e a permanência na escola, a falta de moradia e de saneamento básico, o trabalho infantil, a ausência de lazer. Isto tudo são, por si só, entre tantos outros exemplos de violência.

Dessa forma, podemos dizer que a violência estrutural está associada ao não cumprimento dos Direitos Humanos. Essa situação nos dá uma dimensão da vulnerabilidade a que está sujeita uma grande parcela da população brasileira.

Direitos humanos são os direitos de todas as pessoas. Todos devem ser respeitados e devem ter sua integridade física protegida e assegurada.

As condições mínimas para viver supõem a garantia à vida e à liberdade, ou seja, tudo o que permite ao homem ser homem. Para tanto, o homem necessita de moradia, alimentação, transporte, educação, trabalho, saúde, salário justo, entre outros. Mas isso não é o suficiente. Os homens precisam também de lazer e sonho, exigências nada supérfluas, na medida em que integram qualquer projeto de humanização.

Contudo, nem todos são tratados como cidadãos, Temos um imenso contingente de excluídos (FORRESTER, 1997). Excluídos dos direitos políticos, econômicos e até, do direito à vida com essas condições dignas citadas acima.

Para alterar essa realidade, torna-se fundamental o encontro com a utopia de uma sociedade mais humanizada. Numa sociedade desigual, os Direitos Humanos são o único referencial civilizador como valor ético absolutamente universal.

Os Direitos Humanos fundam a democracia. A democracia torna-se o ambiente para a vigência dos Direitos Humanos e a cidadania é o compromisso em construir e preservar esse ambiente, o único em que o ser humano pode encontrar a civilização. (ESPINHEIRA, 1999, p. 93)

1.2.3 O ASPECTO CULTURAL

O terceiro foco de hipóteses apontado pelos autores para explicar a violência que pode acabar na manifestação da violência, está na crise e falência dos marcos institucionais e normativos da sociedade moderna. Isto acontece quando um sistema de valores culturais exalta, por sobre todas as coisas, certas metas de sucesso para toda a população, enquanto a estrutura social restringe ou fecha o acesso a essas metas, de forma legítima, a uma parcela considerável dessa população. Ou seja, faz-se a exclusão sutilmente (FORRESTER, 1997).

Abramovay (1999) afirma que é nesse campo que se inscrevem as explicações baseadas na “crise” de instituições como a família, a escola, a igreja, a comunidade, responsáveis pela formação e socialização do indivíduo, de sua “adaptação” às normas de convivência social. Nesse sentido,

A vida pública e a coexistência social são caracterizadas por desconfianças, expectativas negativas e obstáculos inesperados. Em tal circunstância tendem a prevalecer códigos privados de comportamento, compartilhados apenas por pequenos segmentos da sociedade maior – “subculturas” do crime, minissociedades drogadas – que definem em seus próprios termos o que é certo, o que é errado, desenvolvendo códigos de valores e comportamentos próprios, cada vez mais alheios aos códigos da sociedade ampla. (ABRAMOVAY, 1999, p. 15)

Zaluar (1999) ressalta o fato do crescimento da violência no país remeter ao plano subjetivo, da interpretação. Para a autora é necessário compreender as causas da violência através da revisão acerca dos valores dos indivíduos numa sociedade. O sistema de valores e relações sociais no Brasil passou por profundas modificações.

[...] há trinta ou quarenta anos as relações interclasses ou, em geral, entre categorias sociais hierarquicamente diferenciadas eram regidas por padrões de interação amistosos, dentro da lógica do clientelismo. (...) À medida que o individualismo foi assumindo formas mais agonísticas e a impessoalidade foi, gradativamente, ocupando espaços antes caracterizados por contatos face-to-face, a violência física foi se rotinizando, deixando de ser excepcional para tornar-se uma marca do cotidiano. (VELHO, in CANDAU, 1999, p. 24)

Todas as possíveis explicações se traduzem na tentativa coletiva de dar forma racional a um extremo desconforto com a atual organização da vida cotidiana nas grandes cidades brasileiras.

De modo geral, a sociedade tem assistido a mudanças nos hábitos e práticas cotidianas das pessoas. Vivemos uma época em que talvez podemos refletir sobre a quebra de referências (ABRAMOVAY, 1999), sejam elas morais, sociais, éticas. A sociedade em que vivemos, corrupta e impune, não desenvolve valores que operem como mecanismos de controle internalizados através da família, da escola, das igrejas e de outras instituições que participam do processo de socialização humana.

Todas essas quebras têm levado à fundamentação de “éticas do instante” (WAISELFISZ, 1998). O referido autor entende por ética do instante que diante da perda das perspectivas de futuro, aproveita-se o instante, o real, o imediato, o possível e o que está ao alcance da mão. A solidariedade converte-se em cultura do sentimento, em éticas específicas para grupos singulares.

Os autores aqui estudados apontam então que as mudanças ocorridas nos valores sociais são um dos fatores que explica a manifestação da violência e, em geral associam a esse comportamento as transformações que estão ocorrendo na concepção de família.

1.3 O PAPEL DA FAMÍLIA

A idéia corrente é a de que a família tem como uma das suas responsabilidades a tarefa de colaborar na formação do caráter, educar seus filhos para os desafios da vida e perpetuar os valores éticos e morais. Deste modo, se cabe à família uma parcela na transmissão dos valores da vida em sociedade, devemos refletir sobre ela e seus desdobramentos no desenvolvimento de seus filhos.

A idéia de que a família desestruturou-se é bastante comum. Porém, na verdade, a família passa por um processo de profundas mudanças porque não está dissociada daquelas pelas quais passa a sociedade como um todo. Ao longo da história, a família veio passando por transformações importantes que se relacionam com o contexto sócio-econômico-político da cultura em que se insere.

Entender esse processo de mudança leva-nos a compreender a diversidade, ou seja, a pluralidade de formas de vida em família. A família foi por muito tempo e de modo tradicional, tomada como “*célula mater*” da sociedade. Em termos de grupo social, é a encarregada legítima pela reprodução da espécie e pela reprodução da

força de trabalho de seus membros.

A família é uma estrutura social tão antiga quanto a própria história da humanidade. Com o passar dos tempos ela foi assumindo formas de funcionamento diversos, condizentes com o contexto.

À medida em que o homem foi aperfeiçoando os meios de manutenção da espécie com o aparecimento da acumulação da riqueza, da propriedade privada e com os avanços tecnológicos, a família foi se transformando e se constituindo como a conhecemos hoje. (ROSALEN, 2001, p. 46)

Dessa forma, faz-se necessário tornar claro de que família estamos falando, em que época, em que sociedade e em que segmento social está inserida. Historicamente a forma de constituição das famílias variou. Elas foram organizadas de forma poligâmica, monogâmicas, sendo hoje comum a coexistência de diferentes arranjos familiares que abarca famílias monogâmicas, monoparentais e reconstruídas. Da mesma forma, as famílias se organizaram sob diferentes modelos, sendo que o modelo patriarcal predominante em uma determinada época histórica. O modelo patriarcal de família pode ser ilustrado através do estudo das famílias aristocráticas da Idade Média:

Nas casas aristocratas habitavam crianças, parentes, clientes e criados, onde misturavam-se uns aos outros. Os grandes castelos eram lugares públicos e nestes locais nenhuma privacidade era possível; as relações eram regulamentadas por excessiva hierarquia fixada pela rígida tradição. (...)

As crianças eram criadas por amas-de-leite. Eram considerados pequenos animais que precisavam ser domesticados. Era primordial o respeito, a hierarquia social; a desobediência à autoridade resultava em punição pública, com castigos corporais. (RIBEIRO, 1999, p. 10)

Através dessa citação, em consonância com os estudos de Ariés (2007), podemos verificar que as crianças eram tratadas como miniaturas de adultos e que precisavam ser domesticadas como se fossem animais dotados da simples capacidade de serem condicionados.

A prática da aprendizagem na Idade Média era feita pelos mestres, onde as crianças eram mandadas para casa de outros familiares, com o intuito de aprender o ofício. Isto não era apenas o aprendizado de uma profissão, mas envolvia a aprendizagem de todas as responsabilidades domésticas até o comportamento adequado para o convívio social. Isso diz respeito aos valores que predominavam na

época, ou seja, era necessário à sociedade que se formassem crianças nos moldes de um pequeno adulto. Para tanto, se necessário, usavam punições severas.

Enquanto nas sociedades grega e romana o homem/indivíduo é o que contava, na Idade Média o que importa é a linhagem, é o laço familiar. Na Idade Média, a importância dada à família traduz-se na preponderância da vida privada sobre a vida pública. Os interesses são solidários. Nessa comunidade há a necessidade de um líder e o pai da família acaba assumindo essa responsabilidade.

Somente a partir do século XVI que a família evolui. Na Revolução Francesa, a vida familiar torna-se enfraquecida. Exemplo desse enfraquecimento pode ser notado quando se estabelece o divórcio, a alienação do patrimônio e as leis de herança.

Dessa forma, não podemos esquecer que,

O ideal de família conjugal moderna, ou seja, o grupo nuclear (pai, mãe, filhos) vivendo na mesma casa, é uma forma de família que emergiu associada ao advento da Revolução Francesa e ao desenvolvimento da indústria moderna.

O Ocidente elegeu, a partir do século XVIII como concepção dominante esse modelo de família onde prevalece a figura de mãe abnegada e dedicada ao lar e o de pai provedor, pertencente ao espaço público. (ROSALEN, 2001, p. 47)

No século XVII, o pai definia as uniões vindouras dos seus, pois os casamentos planejados davam o continuísmo e manutenção do patrimônio. Desta forma, a família fica mais fechada. Já no século XVIII, as famílias burguesas passaram a ser parte integrante do movimento industrial e urbana, e como tal, condicionada a novos hábitos.

A dessacralização do poder da Igreja se inicia com a revolução burguesa, que vai arrancar fora os véus da ilusão religiosa. (...) Uma mudança radical dos valores até então vigentes começa a se instaurar com a nova ordem, sublevando e renovando os modos de vida pessoal, social e familiar. (ARAÚJO, 2002, p. 72)

Em outras palavras, as mudanças sociais ocorridas durante o século XX transformaram nossas instituições sociais e econômicas. Dessa forma, os valores conjugais também vão se alterando.

A saída da mulher do espaço privado (casa), para o trabalho foi acompanhada de todo suporte necessário para esse acontecimento através da criação de creches e escolas que facilitam os afazeres domésticos. Enfim, todas essas mudanças têm evidenciado que o modelo de família conjugal moderno está em crise, e com ele, a transmissão dos valores e desenvolvimento pleno das crianças, se tomamos como referencial a ideologia familiar tradicional.

Ribeiro (1999, p. 13) afirma que as rupturas com o modelo predominante de família a partir da década de 60 passam a intensificar-se e em decorrência as separações conjugais tornaram-se uma prática da vida cotidiana.

Para Calderón e Guimarães (apud RIBEIRO, 1999), predomina no imaginário coletivo da nossa sociedade a idéia de uma família perfeita: seguidora das tradições, formada pelos pais e filhos, vivendo numa casa harmoniosa para todo o sempre. Porém, na atualidade, vemos com freqüência, muitas famílias estruturadas de formas diferentes. Entre elas, podemos citar aquelas que são chefiadas por mulheres, onde vivem essas e seus filhos. Em algumas ocasiões, ocorre a presença de novos parceiros.

Dessa forma, podemos dizer que família não pode mais ser definida como um grupo de pessoas ligadas por laços genéticos, mas, sim, como um grupo concreto composto por um número de pessoas ligadas por consangüinidade, aliança e/ou afinidade (RIBEIRO, 1999, p. 16).

Apesar das diversas definições para família na atualidade, parece predominar entre os autores um consenso sobre a sua importância:

O convívio familiar é fundamental para qualquer ser humano, pois a família é o elemento básico da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros, em particular das crianças. A família é o grupo social que oferece as condições de desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade de qualquer pessoa; por isso, é tão fundamental garantir vínculos estáveis e saudáveis com a própria família, parentes ou outros adultos que exerçam o papel de referência familiar. (GREGORI, 2000, p. 12)

A compreensão sobre os impasses e dilemas que implicam movimento, mudança e transformação nas formas de vida em família, é processo inerente nesse momento histórico. Isso não significa uma crise que ameaça a vida em família, mas modifica os arranjos e as relações neste espaço. Esse exercício de reflexão implica desconstruir a concepção de família como dada naturalmente, como genérica para

todos os segmentos sociais e/ou sociedades.

A necessidade de se discutir o potencial individual da violência do ser humano é ressaltada por Itani (1998, p. 46) quando discute a crise da família e desintegração de seus papéis como fator desencadeante de violência.

Alguns pensadores atribuem o fato à crise da família e à desintegração de seus papéis. Mas, é preciso lembrar também que os filósofos da Escola de Frankfurt já alertavam para a necessidade de reflexão sobre o potencial de violência do ser humano contra ele mesmo, como o evento das guerras, o nazismo, o macartismo. Apresentam-se riscos subjacentes da sociedade contemporânea, como a racionalidade, que aparece como espírito de previsibilidade, mas também de uniformização das consciências, senão como forma de dominação. Isso se desenvolve nessa cultura de massa difundida pelos meios e sistemas de comunicação, sedimentada na indústria cultural tecnológica, subjugando a própria subjetividade humana. A cultura de massa vem destruindo as culturas tradicionais, alterando modos de compreensão do mundo, fragilizando ao mesmo tempo o valor predominante das instituições na preservação da condição social humana.

CAPÍTULO 2: A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA ESCOLA

As escolas brasileiras vêm ao longo dos anos se transformando em desertos onde a vida e a beleza perderam seu lugar. A violência representa o problema principal em inúmeras escolas. Depredações, pichações, brigas entre gangues, entre alunos, desrespeito, são manifestações que comumente fazem parte do cotidiano escolar.

Nesse contexto, algumas escolas se tornaram verdadeiros presídios ou masmorras onde regras rígidas disciplinadoras (até descabidas) atuam na tentativa de inibir as ações de resistência. Numa metáfora podemos dizer que uma minoria atua como jardineiros, cultivando e atuando de maneira consciente, para canalizar a violência, porém muitos lenhadores tem agido nas escolas, decepando esperanças e oportunidades.

A escola decaída e cega, inúmeras vezes, tenta encontrar soluções às manifestações de violência que ali se revelam. Busca na vigilância, na punição e na exclusão, o recurso para livrar-se desse mal. No entanto, consegue disfarçar temporariamente o seu problema, mas não solucioná-lo.

A violência, dentro e fora dos muros escolares, atua de modo a levar os sujeitos envolvidos com a educação a repensarem a questão da insegurança. Os níveis de violência conduzem professores, pais e alunos a atitudes de medo e de vigilância constantes. Nessa situação, encarcerar-se com grades, policiais e muros não têm detido a violência externa e, igualmente, a violência interna não tem diminuído por meio das medidas disciplinares.

Na opinião de Teixeira (1998, p. 60), a escola assim como a sociedade, convive com as situações potencialmente geradoras de violência, que “são permanentes, e não apenas conjunturais”. Esse estado ou condição de violência em que a escola vive hoje passa a ser um elemento permanente da sua cultura, constituindo a marca dessa sociabilidade dominante. Nesse sentido, pode-se dizer que o sentimento de insegurança e o imaginário do medo produzem a “cultura da violência” na escola atual.

Guimarães (1996) expõe que as regras e códigos de conduta rígidos não são a melhor forma de se lidar com a violência. Torna-se necessário encontrar maneiras de conduzir a violência de modo a canalizá-la e integrá-la a outras práticas sociais e simbólicas da escola, transformando-a em uma violência fundadora.

A violência na escola assume diferentes formas, embora todas elas possam ser agrupadas na categoria violência. Assim, em uma tentativa de se compreender o que tem sido entendido sobre violência no âmbito escolar destacamos a seguir duas maneiras, bastante freqüentes, pelas quais comportamentos considerados violentos se manifestam no espaço escolar.

2.1 DEPREDACÃO

As escolas públicas brasileiras estão constantemente, e em grande parte, sendo depredadas. Pichações, vidros, portas quebradas e paredes rabiscadas são exemplos desse tipo de violência. Por meio da elucidação de Fukui (1994) é possível compreender como se caracteriza a depredação.

As escolas são um espaço onde circula um grande número de pessoas – adultos e crianças – e, portanto, seus equipamentos e edificações sofrem desgaste natural. No entanto, as depredações também compreendem ações de outra natureza, como quebra de louças de instalações sanitárias, furto de torneiras, lâmpadas e até mesmo de portas e divisórias. Essas ações não podem ser consideradas como desgaste de material, mas como atos de vandalismo. Nas escolas, alguns dos pontos mais vulneráveis à depredação costumam ser os muros – principalmente quando estão em estado precário – e a iluminação de pátios, corredores e áreas de recreação. (FUKUI, 1994, p.43)

A depredação é caracterizada como um ato intencional, com o intuito primeiro de vandalizar, ou seja, destruir, danificar algo que por sua importância, merece respeito. Devemos salientar que as ações do tempo que envelhecem naturalmente o prédio escolar, não podem ser consideradas como depredações.

Na opinião de Candau (1999) citando Cardia, muitas das manifestações de violência podem relacionar-se à precária qualidade de vida da população. Nos espaços de vida coletiva, onde a infra-estrutura é deficiente, o meio ambiente é mais degradado e, na maioria das vezes, não possui vegetação, apresenta-se muito sujo, feio, expressando a aspereza do cotidiano.

Sem o prazer estético, os indivíduos desses locais vivem em constante estresse, sendo impossibilitados de um lazer saudável. Além disso, esses espaços coletivos mal cuidados demonstram a desvalorização das classes pobres, que são obrigadas a morar em locais quase abandonados.

A inadequação do prédio escolar intensifica as ocorrências de depredação.

Esse descuido, para Candau (1999), significa o descaso que o Estado tem para com os usuários da escola, transformando-a num local sem dono, abandonada, que pode ser ocupada para ações diversas, na sua maioria, vandalismos. Segundo a autora, pesquisas têm demonstrado a correlação entre a aparência precária e a não conservação dos prédios escolares, com as manifestações de depredação nos mesmos.

Conforme Medrado (1998), as escolas construídas nos bairros periféricos e desfavorecidos recebem uma população descrita como marginal. Essa marginalização não se encontra apenas nos indivíduos, mas também nos recursos utilizados para a construção das escolas. Os prédios escolares construídos nesses bairros não atendem às necessidades básicas de uma escola de qualidade.

É comum, ao visitar-se o prédio de algumas dessas escolas, observarmos as más condições do mesmo: ralos que não são atrelados ao sistema de esgoto, pisos que não podem ser molhados por se deteriorarem, entre muitas outras irregularidades. Em muitas escolas, essas irregularidades chegam a colocar em risco a vida dos que por ali circulam.

Os moradores das regiões mais afastadas possuem inúmeras dificuldades, entre elas está a escola que não oferece condições adequadas ao ensino.

Agregadas ao problema habitacional encontramos outras aberrações, sobretudo nos preços elevados do transporte coletivo, do abastecimento de luz e água, da saúde pública, do lazer e, certamente, nos altos custos de manter as crianças nas escolas. Assim, somada a esse conjunto de dificuldades, a especulação imobiliária contribui para agravar ainda mais a situação, com a alta exorbitante no preço dos aluguéis. (MEDRADO, 1998, p.87)

A escola é um elemento integrante das dificuldades desses moradores. A alta densidade demográfica e os escassos recursos para a organização espacial fazem com que a escola se constitua num espaço vital para os alunos.

Essa ausência provoca a ira dos moradores visto que, nos bairros desfavorecidos, a escola seria um lugar privilegiado devido às suas dimensões, bem como, por tratar-se de um espaço mais bem equipado que as demais construções locais, além de ser patrimônio público.

Medrado (1998) enfoca a depredação como uma manifestação da insatisfação coletiva. Essa insatisfação origina-se nas diferenças geográficas e

arquitetônicas entre a escola e o bairro, que demonstram a não funcionalidade da escola e como destoa das demais construções do bairro.

Junto à escassez física do prédio, encontra-se a falta de recursos humanos. A ausência está em todos os setores do cotidiano escolar. Faltam professores, merendeiras, serventes, inspetores e outros funcionários, sobrecarregando o serviço e as funções de alguns profissionais.

Essa ausência de funcionários e professores interfere na definição do espaço escolar e no seu aproveitamento. A ocupação incorreta dos espaços escolares, que se tornam ociosos (na maioria das vezes, apenas as salas de aula são utilizadas em atividades da rotina escolar), leva a uma ocupação desordenada, facilitando a depredação.

De acordo com Guimarães (1996), as depredações, as agressões entre alunos, a formação de gangues é uma forma de resistência social que se nega a submeter-se à imposição de normas. Essa resistência acaba por esgotar-se no coletivo. Representa uma harmonia de contrários, é constituída por excessos de violência que retornam à comunidade coletivamente reunindo o que havia dispersado.

Diante desse quadro, percebe-se que a depredação escolar está intimamente ligada à comunidade em que a escola está inserida.

O controle da depredação nas escolas brasileiras, no entanto, tem sido tão violento quanto às próprias depredações. Policiais, trancas, muros altos que não impedem as ações violentas.

A proteção dos espaços escolares depende da união entre a escola e a comunidade com seus esforços conjugados. Quando existe um desentendimento entre escola e comunidade, o prédio escolar passa a ser atingido e depredado, revelando as insatisfações externas.

Na maioria das vezes, a comunidade não se reconhece como cidadã, “dona” de um bem público e responsável por ele. Esse sentimento está atrelado ao tratamento dado à comunidade pelos representantes desses bens públicos. A escola é construída para as classes populares, mas na verdade, não pertence a elas. Esse não-pertencimento, esse mau trato serve como argumento às depredações ocorrentes nas escolas.

2.2 BULLYING

O tema *Bullying* é de extrema importância para a educação e para erradicação da violência entre escolares. A ação maléfica desse fenômeno traumatiza o psiquismo de suas vítimas, provoca um conjunto de sinais e sintomas específicos que caracterizam uma nova síndrome descrita por Fante (2005) como Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos (SMAR).

O fenômeno *bullying* estimula a delinqüência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima, capacidade de auto-aceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de auto-afirmação e de auto-expressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologias de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e de psicopatologias graves. Tem como agravante, interferência drástica no processo de aprendizagem e de socialização, que estende suas conseqüências para o resto da vida, podendo chegar a um desfecho trágico. (FANTE, 2005, p. 9-10)

Brincadeiras da idade consideradas inocentes têm capacidade de destruir, é uma forma de violência velada. As crianças feitas de vítimas dentro da escola sentem-se solitárias, isoladas, incompreendidas e indefesas. Tal situação não ocorre somente em escolas periféricas, mas sim, em qualquer espaço de convívio.

A palavra *bullying* é de origem inglesa e foi adotada em muitos países para definir o desejo, consciente e deliberado, de maltratar alguém ou colocar a pessoa sob tensão. Outros termos foram adotados em diferentes países, regiões com o mesmo significado. No Brasil, adotamos o termo mais empregado: *bullying*.

Bully, enquanto nome, é traduzido como “valentão”, “tirano”, e como verbo, “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”. Dessa forma, a definição de *bullying* é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. (FANTE, 2005, p. 28)

A questão do poder envolvida diz respeito ao fato da vítima não conseguir se defender com facilidade, seja pela estrutura ou força física, pela falta de assertividade ou pouca flexibilidade psicológica perante o autor dos ataques.

Assim sendo, por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem

motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*. (FANTE, 2005, p. 28-9)

Em sala de aula, pátios e corredores é comum entre os alunos a existência de conflitos e tensões. Há existência de um agressor em potencial, os outros alunos serão influenciados pelo seu comportamento agressivo promovendo interações ásperas e violentas. Geralmente, o agressor prefere atacar os mais frágeis pela certeza de dominá-los. Se há na classe um aluno com características psicológicas com traços de ansiedade, insegurança, passividade, timidez ele será o bode expiatório.

Estudiosos dos comportamentos *bullying* identificam e classificam diferentes papéis desempenhados entre os envolvidos, a saber:

Vítima típica: [...] é um indivíduo (ou grupo de indivíduos), geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as conseqüências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar essas condutas prejudiciais.

Vítima provocadora: [...] possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; é, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.

Vítima agressora: é aquele aluno que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus-tratos sofridos.

Agressor: [...] de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. [...] normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe [...] sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros. [...] É mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. [...] Adota condutas anti-sociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias.

Espectador: é o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica. [...] Mesmo não sofrendo as agressões diretamente, muitos deles podem se sentir inseguros e incomodados. (FANTE, 2005, p. 71-73)

A consciência e a aceitação de que o *bullying* é um fenômeno que ocorre cotidianamente em muitas escolas no mundo é o passo inicial para a iniciativa de combate à violência entre escolares.

2.3 PISTAS PARA COMPREENDER O SIGNIFICADO DA VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR

As violências na escola podem se manifestar de diversas formas e tomar variadas direções: aluno x aluno, aluno x adulto, adulto x aluno, adulto x adulto. Neste item serão tratadas somente as agressões dos alunos contra os demais alunos e professores e as agressões dos professores contra os alunos.

Sendo a agressão a manifestação de violência mais habitualmente vista nas escolas, tornou-se banal; compreendida, muitas vezes, como uma manifestação natural da idade ou da condição sócio-econômica e cultural do aluno. Além das brigas, em que se verifica a violência corpo-a-corpo, destacam-se outras formas de agressão: insultos, roubos e exploração de alunos menores por mais velhos.

Para Peralva (1997), os alunos constroem e auto-reproduzem uma cultura da violência. A lógica que conduz essa cultura está fundada no sentimento do medo e na idéia que a violência está por toda parte e, para enfrentá-la, é necessário defender-se. Por meio de uma atitude ritual e lúdica da violência, consegue-se o distanciamento subjetivo desse sentimento de medo. O desenvolvimento dessa cultura da violência encontra-se afastado do mundo adulto.

A agressividade entre os alunos pressupõe a autora citada acima, expressa um “querer-viver coletivo”. As depredações e as brigas permitem a expressão do que foi reprimido e, ao mesmo tempo, descarregam as irritações e os problemas pessoais e restauram a unidade do grupo. Ao ritualizar coletivamente essas tensões, desenvolvem-se a coesão e o consenso do grupo. Porém, quando são impetuosamente impedidas de expressar-se, essas tensões transformam-se em “violência sanguinária” encontrando a simbolização que lhe foi negada.

Segundo Peralva (1997), na visão dos alunos, a violência contra o professor ou outro adulto é sempre fundamentada. A violência pode ser vista, por esse enfoque, como uma forma de protesto contra o mau-exercício, contra a injustiça, contra a irresponsabilidade (professores descompromissados), contra a incompetência, contra a não disponibilidade ao aluno e ao desinteresse ou desânimo

ao ministrar as aulas. A autora destaca que é nas avaliações dos resultados escolares e nas notas que se encontra o campo de conflitos mais intenso. A injustiça nesse campo afetará a “personalidade individual e a capacidade do sujeito em construir uma imagem positiva de si mesmo, para si e para os outros” (PERALVA, 1997, p.19).

O professor torna-se violento no momento em que estimula a padronização de comportamentos, o controle das atitudes, exigindo a homogeneidade. A violência do professor encontra-se presente, ainda, em sua ação pedagógica.

Bourdieu e Passeron, citados por Whitaker (1994), descrevem que, segundo a teoria da reprodução social, analisa-se que não apenas os educandos podem ter ações violentas, como igualmente toda ação pedagógica consiste em uma violência simbólica. Ao se impor um significado como sendo legítimo a grupos heterogêneos, isentando-se de mostrar as relações de força que atuam para que esse significado seja considerado verdadeiro, incide-se a violência simbólica. Para esses autores, não é possível universalizar o conhecimento, visto que a cultura difere de grupo para grupo. Enquanto existir a inflexibilidade do currículo escolar a uma situação concreta, contextualizada, a violência simbólica continuará a se propagar.

Algumas atitudes violentas do aluno com relação à escola, podem estar envoltas nesse aspecto conservador que a escola apresenta, tendo por objetivo chocar, renovar o sistema escolar.

Complementando, na opinião de Candau (1999), algumas estratégias ofensivas do aluno podem ser compreendidas como formas de divulgar seu sucesso aos demais companheiros. Ser bem-sucedido nesses casos significa conseguir afrontar, desafiar a ordem.

Contudo, de acordo com a autora, é possível compreender as agressões do aluno contra o professor pela lógica do enfrentamento. Tanto o aluno quanto o professor, representam papéis profissionais dentro da instituição. Quando o professor não retribui às perspectivas dos alunos, ocorrem as manifestações violentas, táticas para se contestar os papéis e seus desempenhos.

Assim, como visto, embora os autores indiquem que a violência na escola pode adquirir diferentes significados, muitas vezes, parece-nos, esta violência ao ser retratada pela mídia acaba sendo reduzidas as suas formas de manifestação como a depredação e o bullying, e sofrendo um tipo de tratamento que contribui para a sua naturalização. Muitas vezes, os noticiários sobre a violência não conseguem analisar

os motivos pelos quais esta se encontra presente nas escolas, mas apontam o fenômeno como um dos principais problemas do país e como uma das inquietações que afetam a população.

CAPÍTULO 3: A MÍDIA IMPRESSA - UM OLHAR SOBRE A REVISTA NOVA ESCOLA, O CADERNO FOLHATEEN E A REVISTA VEJA

3.1 A MÍDIA IMPRESSA: SUAS CONTRIBUIÇÕES E INFLUÊNCIAS

As mídias impressas têm grande importância na transmissão de informações, sendo ainda um dos principais meios de comunicação apesar do impulso das novas tecnologias de comunicação e da utilização dos computadores durante a última década.

Dentre as vantagens da mídia impressa está a de ser uma mídia popular, podendo se adaptar ao ritmo do leitor, permitindo releitura e leitura seletiva, com seu custo unitário baixo quando comparada a outras mídias. Sabemos que um jornal, por menor que seja a sua tiragem, tem sua representação na sociedade e suas vantagens de contribuir para a divulgação da cultura.

Tendo sobrevivido a todas as fontes inovadoras de informação, a mídia impressa teve que adaptar-se e desenvolver-se ao ritmo da sociedade. Uma constatação desse fator foi às mudanças no seu formato, uma vez que, para atingir o receptor com mais eficácia, foi preciso apropriar-se de recursos combinados, resultando na notícia como um espetáculo midiático, a fim de ser agradável aos sentidos, e produzir informações e conhecimento também de modo agradável, em um espetáculo grandioso de cores, luzes e formas.

Thompson (1998) relata que toda cultura se forma e reforma constantemente no contato com o diferente e o exterior a si mesma. Da mesma maneira que jornais e revista aprimoraram a sua cultura.

Entendemos que a mídia deixa de ser apenas um instrumento de comunicação quando possibilita a articulação de idéias através da interatividade existente entre o leitor e a informação que ele recebe. Dentro dessa possibilidade a produção da informação se dá de maneira atuante na medida em que os meios de comunicação entendem esse processo e assumem um papel de mediador com o seu público leitor.

Tendo a mídia como mediadora, o acesso a ela fez com que os meios de comunicação se vissem obrigados a centrar suas atenções em como comunicar.

Para Nóvoa (2002), a imprensa permite compreender as relações entre “teoria e prática, entre projetos e realidades, entre tradição e a inovação”, cujas

características permitem a proximidade em relação ao acontecimento, conferindo-lhe o poder de diálogo com os momentos históricos da educação.

Deste modo, os conteúdos publicados tendem a atingir a população, com sua capacidade socializadora, transmitindo valores e chamando o leitor para as questões sociais e cotidianas.

Muitas vezes esses conteúdos perpassam a informação e criam uma polêmica sobre o poder da mídia na sociedade atual, por vezes enfocada de modo negativo, sendo vista como manipuladora e persuasiva e até criando modelos comportamentais.

A mídia brasileira exhibe, preponderantemente, uma violência banalizada, corriqueira e trivial, e também ações policiais praticadas de forma violenta, muitas vezes, ilegal ou ilegítima. Tais imagens refletem conflitos sociais que eclodem de uma brutal desigualdade estrutural em que os excluídos são tanto os maiores praticantes, quanto as maiores vítimas da violência. Além dos próprios jornalistas, outros atores sociais são convocados a se pronunciarem sobre os fatos a que correspondem às imagens e, assim, produzem sentidos sociais sobre a violência que, dessa forma, surge “como linguagem, como ato de comunicação” (RONDELLI, 1998, p. 147).

Na última década, a mídia, sobretudo a imprensa escrita, tem focalizado, com bastante frequência, a situação da infância e adolescência brasileira. Certamente isso se deve aos recentes avanços dos direitos desse grupo específico, respaldados pelo esforço de vários atores sociais para a conscientização da sociedade a respeito do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que tem força de lei.

Não podemos analisar a mídia de uma maneira impositiva, como um veículo que manipula de forma plena a sociedade, nem devemos banalizar o que é discutido na mídia, alegando ser esta uma simples tentativa de manipulação, pois:

“a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais concorrentes que a constituem.”(KELLNER, 2001, p.27)

Assim, neste trabalho, pretendemos abordar a mídia sob um aspecto positivo enxergando-a como grande colaboradora e geradora de um conhecimento apreendido de forma eficaz, e até difusora da inclusão social, tratando temas cotidianos e propondo soluções para problemas sociais. Isso não impede, entretanto que tenhamos um olhar crítico frente às reportagens veiculadas por esses meios.

Sendo a mídia uma produção humana que envolve inúmeros conflitos e interesses, envolvidos com aspectos de valores e de ideologias, nessa nossa pesquisa buscaremos através da análise de três mídias, direcionadas a públicos diferenciados, verificar quais são os discursos de cada sobre a temática violência.

Procuraremos considerar a existência de uma preocupação na transmissão da informação, da necessidade de contribuição da mídia na solução dos problemas relacionados à violência escolar e dos resultados que as notícias veiculadas sobre essa temática podem trazer aos seus receptores.

3.2 A REVISTA NOVA ESCOLA, UM BREVE HISTÓRICO¹

A Revista Nova Escola é uma publicação mensal editada pela Fundação Victor Civita, desde 1986, dirigida a educadores.

Conforme Costa (2000), nos primeiros cinco anos de sua criação, foi celebrado um convênio entre a Fundação Vitor Civita (FVC) e o Ministério da Educação (MEC), mediante o qual, este último arcava com cerca de 70% do custo da assinatura de 300.000 exemplares da revista, para que esta fosse distribuída gratuitamente às escolas públicas de todo o território nacional. Grande parte da distribuição do periódico ocorria por meio deste convênio e a restante se efetivava em bancas de revistas e assinaturas.

A partir de 1991, durante o governo Collor, o subsídio financeiro estatal foi retirado, o que dificultou a aquisição da revista pelas escolas. Em fins de 1992, o MEC e a FVC voltaram a assinar um acordo, em que o envio da revista se restringia a apenas um exemplar por instituição e somente para as escolas urbanas. Graças ao impacto editorial dos anos anteriores – sustentado por sua forma inicial de distribuição – e às suas ligações com a Editora Abril, cujos produtos editoriais gozam de eficiente sistema de distribuição e divulgação, a revista vem garantido sua presença no mercado por meio de assinaturas e venda de exemplares em bancas. (COSTA, 2000).

A revista Nova Escola é uma revista de grande expressividade no que concerne à divulgação de idéias e práticas pedagógicas instituídas pelo Estado.

¹ As informações aqui apresentadas sobre a referida revista foram retiradas de sites como o da editora Abril, e de outros trabalhos referentes a essa mídia. Os endereços dos referidos sites encontram-se nas referências deste trabalho.

A revista *Nova Escola* é uma publicação pedagógica com grande circulação nas escolas brasileiro sendo, provavelmente, o periódico educacional ao qual a maioria dos professores tem acesso. Em suas reportagens, a revista propõe-se a se ocupar tanto com a teoria, como com a prática educacional. Ou seja, se propõe não só a sugerir atividades práticas, mas a articulá-las com o campo teórico, gerar tais sugestões não no senso comum, mas em textos produzidos por pesquisadores ou estudiosos da área.

“As propostas pedagógicas elaboradas pelo sistema de ensino público se revelam a cada edição da revista *Nova Escola*. Está presente cada alteração didática e pedagógica prevista e anunciada pelas políticas públicas que se estabelecem, se reconstituem e, junto à evolução da revista, acentuam-se a cada ano, deixando bastante claros os objetivos e ideais dos discursos apresentados.” (SILVA, 2009)

Como a presente revista trabalha na procura de oferecer aos seus leitores educadores sugestões de atividades a serem realizadas em sala de aula e também traz propostas de como os mesmos devem utilizar os espaços e as estruturas da escola, pretende-se investigar se existe, entre outras coisas, a preocupação desta mídia em apresentar textos que aborde a violência escolar, buscando contribuições para a resolução desse problema nas escolas.

3.3 O CADERNO FOLHATEEN, UM BREVE HISTÓRICO²

O Folhateen é um caderno semanal do jornal Folha de S.Paulo, destinado ao público adolescente. Publicado às segundas-feiras, aborda temas como música, televisão, cinema, comportamento, saúde, sexo, profissão e esportes.

Recentemente, o suplemento passou por uma reformulação gráfica. A primeira edição nesse novo formato foi publicada no dia 8 de junho de 2009. Quando o caderno foi lançado, em 18 de fevereiro de 1991, seu formato era *standard*(55cm) e tinha seis páginas.

De 1991 até 2000, o Folhateen manteve o formato *standard*, recorrendo à mudanças de colunistas, seções, pautas, editores. Objetivava-se, no entanto, abrigar dois públicos: jovens e pré-vestibulandos. Mas logo no terceiro mês do suplemento foram eliminadas as matérias do vestibular.

² As informações aqui apresentadas sobre a referida revista foram retiradas de sites como o da editora Abril, e de outros trabalhos referentes a essa mídia. Os endereços dos referidos sites encontram-se nas referências deste trabalho.

Uma reforma significativa aconteceu em 16 de setembro de 1996 com uma mudança de projeto gráfico e editorial, complementada em 7 de outubro, quando o caderno se tornou todo colorido e a primeira página passou a ser uma capa com a chamada para a matéria das páginas centrais e seções. Em 15 de maio de 2000, a mudança mais significativa aconteceu quando o suplemento assumiu o formato tablóide, encadernado, com 16 páginas, todo colorido.

O formato tablóide apresenta a característica de ser encadernado e descolado do jornal adotando a aparência de uma revista, o que sugere para o leitor um produto diferenciado, especialmente feito para ele. A primeira página do suporte, chamada de capa no jargão jornalístico, utiliza diversos recursos gráficos para atrair a atenção para a matéria principal do caderno: cores quentes, fontes maiores, interferências visuais nas fotos, desenhos no estilo de história em quadrinhos.

Os textos do caderno *Folhateen* são construídos em torno de um leitor que compartilha, sugere, envia depoimentos, participa de entrevistas e enquetes. Ao abrir esse espaço ao jovem leitor, o *Folhateen* coloca-se como um caderno que disponibiliza os discursos da juventude. Essa voz ao jovem é uma distinção que o caderno tem.

A linguagem coloquial e também os espaços para a opinião mostram que a presença do leitor é muito importante e ajuda a construir os textos do *Folhateen*.

Com diferentes assuntos de formas interessantes, sempre chamando a atenção do jovem, os textos do *Folhateen* priorizam a informação e a discussão, trazendo assuntos polêmicos que proporcionam ao leitor jovem a contestação, a análise crítica e a divergência de idéias. Essa é uma forma de valorizar a relação com o leitor e legitimar-se como um caderno direcionado aos jovens críticos.

Vale ressaltar que o caderno dá indícios de que esse diálogo se dá com um tipo de juventude urbana, de classe média/alta, que tem contato com as novas tecnologias, tem acesso aos bens de consumo apresentados pelo *Folhateen* e que através desse diálogo são possibilitados de se posicionar diante dos problemas sociais.

Como o caderno *Folhateen* procura dialogar sobre os problemas sociais com seu público, o presente trabalho buscará identificar se o mesmo tem a preocupação em retratar a temática da violência escolar, e se prioriza uma informação conscientizadora aos seus jovens leitores que, em sua maioria, vivenciam esse tema nas escolas.

3.4 A REVISTA VEJA, UM BREVE HISTÓRICO³

A revista *Veja* é uma revista semanal brasileira publicada pela Editora Abril. Sua primeira edição foi publicada em 1968, e a mesma foi criada pelos jornalistas Víctor Civita e Mino Carta.

Veja é considerada a revista de maior circulação no Brasil e fica entre as 100 maiores do mundo. A revista aborda temas a respeito do cotidiano da sociedade brasileira e também mundial. Política, economia, cultura, comportamento, guerras, conflitos e negociações diplomáticas, tecnologia, ecologia e religião, são temas regulares de sua publicação.

Os textos de *Veja* são elaborados em sua maior parte por jornalistas, porém, nem todas as seções são assinadas. Possui seções fixas sobre cinema, literatura, música e guias práticos sobre assuntos diversos. A revista é entregue aos seus assinantes aos sábados e nas bancas aos domingos, mas traz a data das quartas-feiras.

Veja é a revista semanal com o maior número de leitores e, portanto, uma das mais importantes do país. No site da Editora Abril a revista apresenta o maior custo de inserção de publicidade, entre todas as publicações da editora. Isso confirma que a mesma tem referência no mercado editorial brasileiro.

Na edição de nº 33 da revista, de 23 de abril de 1969, *Veja* trazia a primeira capa sobre violência urbana, expondo, sobre um fundo vermelho, uma mão masculina e negra que empunhava um revólver, com o aviso: “Isto é um Assalto”. (LISBOA, 2007).

O mesmo autor identifica três dos mais recorrentes sujeitos em narrativas sobre violência: o negro criminoso, fazendo relação entre a cor da pele, a marginalização e a violência; o Estado, representado pela figura da polícia, com graves deficiências técnicas; o cidadão, originário da classe média, que se vê desprotegido e acuado diante do avanço da criminalidade.

Segundo ele, por conta dessa fraqueza do Estado em não conseguir resolver os problemas sociais, e com a presença constante da violência no país, causando temor à população, *Veja* se coloca no papel de suprir deficiências assumindo um discurso orientador, porém capaz de controlar ações, emitindo julgamentos.

³ As informações aqui apresentadas sobre a referida revista foram retiradas de sites como o da editora Abril, e de outros trabalhos referentes a essa mídia. Os endereços dos referidos sites encontram-se nas referências deste trabalho.

Veja tem autoridade para falar, não precisa de fontes. Conhece a violência a fundo, suficientemente bem para apresentar um dossiê. Além de saber tudo que se passa na temerosa vida dos leitores, seus medos e angústias, o enunciador é dotado também do saber que pode solucionar o problema e trazer segurança de volta à vida dos indivíduos. (LISBOA 2007, p. 109)

Essa pesquisa demonstra que podemos pensar sobre a influência da mídia em nossa cultura a partir dos valores individualistas, que podem trazer as transformações nos comportamentos.

A escolha desta mídia impressa como objeto de estudo para a realização desta pesquisa levou em conta o fator popularidade, já que *Veja* é a revista semanal de maior acesso no país. Outra questão é a de que a revista, na sua condição de produzir a verdade, assume uma autoridade que convence seus leitores, construindo narrativas muitas vezes manipuladoras, persuasivas e tendenciosas.

Mesclando teorias e análises, apresentaremos nessa pesquisa um olhar crítico às reportagens buscando entender a prática narrativa desta mídia, esperando que seja baseada em conceitos éticos assumindo valores como a verdade da informação e o respeito aos seus leitores.

3.5 A VIOLÊNCIA ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DOS PERIÓDICOS IMPRESSOS

Para a realização desse estudo foram selecionados os artigos que se constituíam em objeto de nossa análise. Damos início com a fase de pré-análise tendo contato com os textos, depois identificando a temática violência em seu título ou subtítulo e explorando-os com o objetivo de interpretá-los.

3.5.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA REVISTA NOVA ESCOLA

De acordo com o objetivo deste estudo de identificar no periódico *Nova Escola* artigos referentes à temática violência escolar, foram consultados os exemplares no período compreendido de setembro de 2008 a julho de 2009. Os artigos para a análise foram selecionados a partir dessa temática encontrada nos títulos e ou subtítulos de reportagens da revista.

A partir desses critérios, foram selecionados quatro artigos e os mesmos estavam distribuídos nas diferentes seções da revista.

Nas seções fixas foram encontradas três dos artigos, sendo dois na seção *Pense nisso* e um na seção *Gestão em foco*. Em uma seção esporádica da revista que falou sobre comportamento, foi encontrado um artigo apenas.

A seção *Pense Nisso* é assinada pelo professor de física e educador da Universidade de São Paulo, Luis Carlos de Menezes.

Na primeira reportagem publicada em outubro de 2008, o autor não fala diretamente sobre a violência escolar, mas descreve sobre o preconceito presente na sala de aula e da necessidade de reconhecê-lo e discutí-lo.

Essa escrita sobre o preconceito nos trouxe a relação com a violência escolar, pois muitas vezes esse tema traz conseqüências dolorosas na escola e também para os alunos, por não ser discutido e trabalhado por professores e pelos familiares.

O autor defende que a escola deveria ser um espaço de diversidade onde se aprende a conviver com as diferenças. No entanto, é comum pôr em dúvida a possibilidade de essa instituição enfrentar questões difíceis de tratar nos demais espaços sociais. Para o referido autor:

A nós, educadores, usualmente defensivos, cabe uma posição mais consciente e deliberada contra essa cultura de agressividade, começando por identificar e combater atitudes que comprometem o convívio escolar e envenenam a vida social.

Sabemos que no espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, dá-se por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência. Sendo assim, o autor afirma:

O preconceito não é só coisa de grupos sectários, como skinheads, pois surge, às vezes, da tola pretensão de valorizar a si mesmo ao depreciar diferentes escolhas religiosas, estéticas, desportivas ou musicais. Ele pode se manifestar, às vezes, disfarçado de humor, como na humilhação - ou bullying - de um estudante por seu sotaque regional ou pela forma como se veste. Uma escola que admite posturas como essas, por não reconhecer seu potencial destrutivo, abre caminho para discriminações de etnia, idade, origem, gênero e classe.

Para o autor, os julgamentos preconceituosos são praticamente inevitáveis, mas a escola necessita não reforçá-los, prestando a atenção em suas práticas e reconhecendo os valores da pluralidade e do respeito às diferenças.

A segunda reportagem do mês de dezembro de 2008 é assinada por Daniela Almeida e faz parte de uma seção esporádica sobre Comportamento e tem como título “À beira do caos”.

A reportagem traz uma entrevista com cinco professoras que ficaram à beira de um ataque de nervos e três especialistas que dão dicas de quais maneiras agirem para evitar episódios desesperadores. São eles, Heloysa Dantas, Lino de Macedo e Zilma de Oliveira.

Foram citados cinco fatos, um de cada professora e dentre eles, o da professora Maricélia Rocha, da escola CEI Grão de Vida, da cidade de São Paulo foi o único que teve relação com o tema violência. A professora relata que quando trabalhava com uma classe de alunos com cinco anos, costumava ter como primeira atividade do dia uma roda de conversa. Às segundas-feiras falavam sobre o final de semana e num certo dia, todos os seus alunos estavam agitados e nem bem começaram o papo, dois deles já começaram a se provocar. Ela não deu ouvidos, pois achou que a discussão não era nada, mas logo iniciou-se uma briga e a turma se dividiu em duas torcidas. Ela e sua auxiliar procuraram segurar os brigões e quando tudo se acalmou foram para o parque “extravasaram”.

Os especialistas aconselharam a professora explicando que aquilo havia acontecido, pois as crianças observam que adultos resolvem seus conflitos usando força física e por padrões de sociabilidade as crianças acabam adotando esse comportamento. Sobre o que fazer, os especialistas aconselham que depois que se acalmem, é bom que se converse com os mesmos individualmente, incentivando-os a expor seus sentimentos e refletir sobre o dos outros.

Na maioria dos casos, agressões físicas ou verbais são algumas das maneiras que os pequenos têm para se expressar. Uma conversa com os dois juntos é essencial, assim como a discussão posterior com a turma toda reunida, mostrando que os conflitos acontecem (dentro ou fora da sala) e não devem ser encarados como algo anormal. Existem, porém outra maneira de resolvê-los.

Os especialistas também alertam que é preciso que o professor fique atento à essas situações e isolem as crianças antes que o conflito se espalhe pela classe. Também sugerem que esse episódio seja assunto para a próxima roda de conversa.

Segundo Zilma de Oliveira manter um bom relacionamento é difícil para todo mundo. Imagine, então, para quem tem cinco anos.

O terceiro artigo, do mês de março de 2009, assinado novamente por Luis Carlos de Menezes da seção Pense nisso, intitula-se “A violência pode dar lugar à paz”.

Nesse espaço o educador relata os tristes episódios de violência freqüentes em nossas escolas e defende o diálogo como uma das soluções para esse problema e para o retorno da paz aos ambientes escolares. Defende Almeida:

Paz não é ausência de tensões, mas a capacidade de evitá-las e resolvê-las. Uma escola gera a harmonia se decide enfrentar seus dilemas e conflitos para fazer o que dela se espera: formar as crianças e os jovens que recebe, promovendo conhecimentos, habilidades e valores.

Ao ver os incidentes de violência presentes nas escolas o autor os compara com os descréditos de outras instituições que, também deveriam preparar ou recuperar as pessoas para o convívio em sociedade, como os presídios por exemplo. E diz que nos dois casos, a falta de respeito por um bem público ou pela vida, decorre da desesperança.

A solução está nas instituições reconhecerem como suas as dificuldades educacionais ou sociais enfrentadas no dia-a-dia, e ter um compromisso com sua função de combater os problemas existentes, propagando sempre a paz.

O quarto artigo datado de abril de 2009 faz parte da seção fixa da revista chamada “Gestão em foco” e é assinada pelo filósofo Fernando José de Almeida, docente da pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo e vice-presidente da TV Cultura.

Intitulado “As violências que estão na escola”, o artigo relaciona o tema com a gestão escolar e fala da responsabilidade de ser um gestor. O próprio autor trabalhou como diretor de escola por 25 anos e durante sua trajetória conviveu com a violência escolar.

Procurando entender as causas da violência na escola, muitas vezes é percebível que o modelo pedagógico e a gestão contribuem para que esses problemas façam parte do cotidiano escolar. O autor cita:

Muitas dessas hostilidades que assolam o cotidiano educacional estão relacionadas com a gestão ou com o modelo pedagógico. Professores faltantes, horários desorganizados, salas abarrotadas de crianças e quadras de esportes insuficientes para que os adolescentes sublimem parte de suas energias podem aumentar a probabilidade de indisciplina - que se desdobra em atos de fúria. A alma dessas violências está também nas centenas de aulas nos

moldes da Educação bancária denunciada por Paulo Freire. Incluem-se aí atividades repetitivas e sem significado para o estudante, porque a ele não é dada nenhuma forma de participação, e "modelitos" de provas e avaliações que são apenas pegadinhas para reduzi-lo a alguém mais calmo e respeitoso nas próximas aulas no bimestre seguinte.

Para o filósofo, a figura do gestor - sua sabedoria, capacidade de análise e condição de liderança - faz a diferença. É ele quem tem que propor soluções, buscando o comprometimento dos alunos, funcionários, pais, coordenadores e professores, já que a decisão surgida de diálogo coletivo é mais eficaz e duradoura. Sejam quais for as causas das situações de conflito na escola, ela, como instituição tem autonomia sobre seus atos, e necessita reconhecer o que é de sua conta e posicionar-se, tomar decisões e agir.

3.5.2 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NO CADERNO FOLHATEEN

O artigo intitulado "Conselho de Classe", da seção Cinema do dia 9 de março de 2009 traz para os leitores do Folhateen a sugestão do filme "Entre os muros da escola" de Laurent Cantet.

O filme lançado na ocasião, conta a história de um professor francês chamado François Marin e sua difícil missão de atrair a atenção de seus alunos para o aprendizado, já que a história se passa em uma escola francesa de periferia, onde jovens de origens, etnias, religiões e hábitos diferentes convivem sem ver sentido algum no estudo e propagando uma violência em escala os alunos e professores.

A segunda constatação da temática foi no dia 6 de abril do mesmo ano, através do artigo assinado por Chico Felitti: "Forçando os limites". A matéria da capa discute a utilização dos chamados "extensores" que viraram acessórios dos jovens apreciadores dessa técnica, mas que sofreram preconceitos nas escolas, universidades e até nos ambientes de trabalho.

A expansão dos lóbulos das orelhas tem sua origem em Buda e nos povos indígenas e virou contemporânea de uma hora para outra. Hoje, diferentes tipos de alargadores fazem o gosto dos jovens.

A notícia trouxe a possibilidade de reversão da extensão através de cirurgia, mas esta não garante que o lóbulo da orelha volte a ficar do tamanho normal.

O terceiro artigo da seção Teatro do dia 20 de abril de 2009 dá uma dica de arte para os jovens. A peça "DNA" da Cia. Arthur-Arnaldo, como estréia do mês, aborda temas como terrorismo e infanticídio.

Sendo assim a peça relata um grupo de adolescentes que extrapola nas brincadeiras com outro colega de escola, levando a atitudes de violência como o bullying e depois essa violência toma outras proporções. Escrita pelo dramaturgo Dennis Kelly ética é a questão central principal dessa produção, pois como o artigo comenta, atualmente poucas são as peças direcionadas ao público jovem onde sejam enfocados temas relacionados ao seu cotidiano.

A reportagem de Diogo Bercito, datada de 25 de maio de 2009 e intitulada “Sou nerd, mas tô na moda” traz a quarta identificação da temática estudada e aborda que a “tribo” dos nerds é hoje a mais variada e articulada entre os jovens, delineando diferentes perfis desse estilo, cada um com seu gosto específico. Sabendo-se do quanto é difícil a exposição de jovens sobre esse tipo de personalidade, o artigo relata que atualmente esse preconceito tem sido exterminado diante das ajudas tecnológicas, dos fóruns de discussões e da possibilidade de esses jovens não se enxergarem sozinhos diante de gostos diferenciados.

Alguns educadores e alunos também comentaram esse preconceito existente nas escolas. Nerds como Jéssica, fanática por cultura pop japonesa – “otaku”, foi a seu primeiro evento de mangá contrariada dos pais, fez seu primeiro “cosplay” – vestiu-se de personagem e percebeu que fez o maior sucesso, representando depois o Brasil em um evento mundial de “cosplay” no Japão.

Já o aluno Thawan Pires Costa, fã de “Guerra nas Estrelas” não acredita ser bem visto por seus colegas de escola e confessa que se tornou antissocial após ser alvo de chacotas.

A socióloga Maria Stela alerta que esse preconceito não é exclusivo de alunos, mas pode vir de pais e também de professores. A aluna Nicolle Fernandes, que não se inclui no grupo de nerds, afirmou “hoje respeita os nerds (rótulo)” , outro aluno diz que “os admira, acha-os inteligente”. Mas ainda é claro o preconceito existente nesses depoimentos afirma a socióloga Vera Malato.

Em 22 de junho de 2009 a coluna Sexo & Saúde traz o texto “O preconceito está aí”, com o médico Jairo Bouer onde aborda que o preconceito dentro das escolas piora o desempenho dos alunos. Essa foi a resposta de uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e pedido do Mec.

A pesquisa se deu em escolas públicas e demonstrou que 20% dos alunos reclamaram de sofrer algum tipo de preconceito e 10% afirmaram sofrer

preconceitos por serem mulheres. Foram feitas perguntas na pesquisa que detectassem se o aluno sofre algum preconceito ou se já se incomodou com algum tipo de diferença de outros. Números expressivos foram constatados fazendo com que o autor deixasse uma questão ao leitor sobre o que ele faz para mudar o preconceito existente entre os jovens.

Infelizmente, sabemos que nosso leitor jovem ainda não é tão assíduo, por isso esse suplemento tem o tamanho certo para provocar a discussão sobre temas relevantes ao universo juvenil, despertando leituras críticas e possibilitando a interação do receptor da notícia. Apenas observamos que o referido suplemento necessita ainda aprofundar-se em temas sérios, que tragam a necessidade de reflexão e que visem colaborar de alguma forma com seus leitores.

3.5.3 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NA REVISTA VEJA

Como nos outros periódicos, foram consultados os exemplares no período compreendido de setembro de 2008 a julho de 2009. Sendo Veja uma revista semanal, ao todo foram consultadas 44 revistas. Os artigos para a análise foram selecionados a partir da temática encontrada nos títulos e ou subtítulos de reportagens da revista.

O primeiro artigo, da seção Internacional da revista, é datado de 1/10/2008 tendo como título “O Assassino...” e aborda a semelhança entre dois casos de violência nas escolas da Finlândia, país referencial de educação de qualidade no mundo. Para o autor Thomaz Favaro, que assinou o artigo, a intenção é mostrar o “efeito imitação” que serviu de estímulos para esses massacres.

A reportagem relata o último ocorrido em uma escola técnica de Kauhajoki, na Finlândia, terça-feira 23/09. Matti Saari, um estudante de 22 anos entrou com uma pistola semi-automática e foi direto para a classe onde seus colegas do curso de culinária estavam fazendo uma prova. Disparou contra os estudantes e depois colocou fogo nos corpos que, carbonizados só foram identificados com exames de DNA. A polícia também foi recebida com balas ao chegar à escola e por fim, Saari atirou sobre a própria cabeça. Matou nove estudantes e um professor.

A discussão que o autor coloca é sobre a repetição do enredo desse crime, pois fora o segundo atentado em uma escola finlandesa em menos de um ano. Os autores dos crimes na Finlândia eram admiradores dos massacres acontecidos nas escolas americanas em 1999. Também o protagonista coreano que matou 32

pessoas no ataque à escola de Virginia, nos EUA, dedicou sua chacina a outros dois adolescentes que massacraram 13 colegas em Columbine no mesmo ano. Favaro coloca:

“Os assassinos em massa recebem um reconhecimento instantâneo e tornam-se pessoas que não podem mais ser ignoradas. O “efeito imitação” estimula outros psicopatas a planejar ataques para concretizar seus delírios de notoriedade, criando uma série de crimes simulares.”

Saari chegou a apresentar alguns problemas com a polícia do país. O estudante escrevia na internet que tinha como sua filosofia de vida a misantropia (aversão à sociedade humana) e postou vídeos no You Tube em que aparecia praticando tiro. Mas infelizmente esses dois acontecimentos não foram suficientes para conter esse assassino.

O segundo artigo é assinado por Gustavo Loschpe, economista e especialista em educação. O artigo: “Violência escolar: quem é a vítima?” foi publicado em 3/12/2008 e nele Loschpe relata sobre a violência sofrida pelos alunos quando vitimizados por professores ou outros funcionários da escola, que frequentemente aplicam medidas disciplinares alegando que essa atitude é a que faz gerar a violência nas escolas.

O autor alega que quando se fala desse tema, nossos olhos são voltados à violência dos alunos contra professor e funcionários da instituição, sendo assim, o fracasso do ensino muitas vezes decretado pela mídia, culpabiliza apenas os alunos. Para Loschpe:

Assim como devemos condenar o infrator, porém, é preciso entender o meio que o gerou. Não porque isso o exima de culpa, mas para que se possam criar políticas públicas que diminuam a probabilidade de que mais jovens enveredem pelo mesmo caminho. E a realidade que o Brasil não quer ver é que a maior vítima de agressão no nosso sistema escolar é o aluno.

O autor defende que existe na escola alunos infratores, e que esses devem ser punidos. Mas persiste no discurso de que é necessário entender que esses alunos também são vítimas de violência. Aquela que é produzida pelo professor e pelos funcionários da escola e assim descreve:

É desnecessário dizer que os jovens que infringem a lei e os códigos de civilidade devem ser punidos. Lugar de infrator não é no banco da escola, mas em centros de reclusão. É óbvio também que há jovens desajustados, e que a convivência com um entorno de violência e degradação social favorece a criminalidade.(...) Assim como devemos condenar o infrator, porém, é preciso entender o meio que o gerou. Não porque isso o exima de culpa, mas para que se possam criar políticas públicas que diminuam a probabilidade de que mais jovens enveredem pelo mesmo caminho.(...) Infelizmente, não há nenhum levantamento que permita quantificar os incidentes de violência vividos pelos alunos nas escolas brasileiras, tanto por parte de professores e funcionários quanto por parte de colegas.(...) Até porque, espera-se, ocorrem muito raramente. A pior agressão sofrida pelos alunos é a intelectual: aquela de um sistema de ensino que não está muito preocupado com seu aprendizado, que despreza sua inteligência, que mói seus sonhos, que os condena ao subemprego e à pobreza, que culpa alunos e pais pelo fracasso da escola.

Através de uma pesquisa aplicada pela UNESCO em 225 escolas de dez estados, o autor chegou a conclusões, em regime de verdade pedagógica, sobre como os professores são vistos pelos alunos e nesse artigo aproveitou-se para lançar mão de críticas sobre a metodologia educacional, a conduta dos professores, a exagerada cobrança por disciplina, a monotonia das aulas, alegando serem esses os motivos pelos quais os alunos vejam a escola como uma instituição ruim e se revoltem para contra ela e contra seus professores.

A próxima identificação sobre a temática violência escolar não se deu propriamente através de um artigo, mas de uma coluna chamada Leitor onde os assuntos mais comentados pelos leitores da revista podem ser discutidos através de cartas ou e-mails enviados à redação.

No dia 10/12, uma semana após o artigo de Gustavo Lochpe ser publicado, um professor universitário se manifesta da seguinte maneira:

Embora o artigo de Gustavo Lochpe traga argumentos irrefutáveis sobre a violência intelectual, como quer o autor, sofrida diariamente pelos alunos da escola pública brasileira, é preciso ponderar as colocações ali registradas. Na contramão de outras matérias publicadas na própria revista VEJA, o artigo deixa de lado uma questão importante para a educação: os professores também são funcionários. E isso, por si, diz muita coisa: é preciso formá-los adequadamente nos cursos de graduação; é preciso gestão competente na instituição em que atuam; é preciso que trabalhem em segurança ("Violência escolar: quem é a vítima?", 3 de dezembro). Thiago Alves Valente, Professor universitário Assis, SP

O terceiro artigo é assinado por Camila Pereira e faz parte da seção Educação. Intitulado “Quando ensinar é uma guerra”, o texto aborda relatos de professores sobre um problema que está presente nas escolas públicas e particulares do país: a relação entre professores e alunos.

Nos relatos apresentados, professores se queixam de vários problemas existentes na escola como a indisciplina, a péssima infraestrutura, principalmente a das escolas de periferia, além de citarem a violência presente nas salas de aula, sendo esta direcionada muitas vezes ao professor quando este é vítima de agressões verbais vindas de seus alunos. Tudo isso aumenta ainda mais o desafio de se ter uma educação com qualidade.

A autora e educadora Tania Zaguri cita um estudo que fez onde mostra que a maior dificuldade dos professores é a de manter a disciplina e despertar o interesse dos estudantes.

Para Márcia Malavasi, educadora da Unicamp os estudantes não estão em sintonia com os professores no que diz respeito às concepções sobre o que é uma escola.

Para a referida autora, as escolas não acompanharam as transformações na sociedade, sobretudo em relação ao uso da tecnologia, pois enquanto os professores insistem em trabalhar com aulas expositivas, modelo tradicional de ensino, os alunos não se interessam por esse ensino linear e esperam uma aula inserida num projeto mais digital, pois eles já absorveram o uso da tecnologia e esse é um dos motivos do desinteresse dos jovens.

Seis professores relataram os problemas enfrentados nos seus cotidianos escolares dentre os quais foram citados o ambiente de tensão vivenciado pelos professores diariamente em sala de aula. Dentre os problemas relatados está o da perda da autoridade do professor que o faz sentir-se acuado diante da permissividade dada pela escola aos seus alunos. Alguns professores têm medo de repreender seus alunos, outros recebem ameaças de morte, e esses indícios de violência tornam ainda mais difícil a tarefa de ensinar. A falta de infraestrutura, principalmente em algumas escolas de zona rural, também impõe um desafio a mais para os professores que muitas vezes se encontram sem condições de trabalhar, diante de problemas como falta de água, material didático e até salas de aula.

A crise nas escolas necessita contar não somente com o apoio de professores experientes e qualificados, mas, sobretudo com a ajuda de governantes

que disponibilizem para nossos alunos um ambiente agradável para estudar. Uma pesquisa da Unesco mediu o impacto de sessenta fatores sobre a nota dos estudantes. Essa pesquisa trouxe um alerta sobre o “clima emocional” em sala de aula, que traduzido por um ambiente de tranquilidade, bom relacionamento entre alunos e professores e com baixo índice de violência, ajuda no bom desempenho dos alunos.

O quarto artigo também da seção educação data de 9/10/2009 e é assinado por Monica Weinberg. Com o título “Mais estudo, menos violência”, o presente artigo trata do aliciamento de crianças pelo tráfico carioca.

Um programa da prefeitura do Rio de Janeiro promete oferecer às crianças novas perspectivas de vida, afastando-as da ociosidade e da proximidade com o cotidiano violento.

O programa chama-se “Escolas do Amanhã” e abrange 73 favelas, 150 escolas e 108.000 alunos cariocas. Tem como pretensão que as crianças permaneçam nas escolas pelo período integral, contabilizando 7h e 30 minutos - quase o dobro do turno normal. O programa também se destaca por buscar uma melhor qualidade de ensino no que concerne aos alunos a possibilidade de obter cursos adicionais como xadrez, música, dança e mecânica, além de receber os reforços escolares, emergenciais, num contexto onde muitos não sabem sequer ler.

Todo o esforço vale a pena e esse programa tem por intenção manter as crianças em sala de aula, pois segundo relatos de alunas participantes, esse tempo livre não era ocupado de forma produtiva. E o desafio está justamente nisso, em conseguir não só manter as crianças na escola, mas fazê-las aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo identificar o discurso da mídia para uma temática que infelizmente encontra-se presente em nosso cotidiano – a violência escolar.

Foram analisados em 11 meses de pesquisa, as seguintes mídias impressas: revista Veja, revista Nova Escola e suplemento Folhateen, do Jornal Folha de São Paulo.

A proposta do presente trabalho é a de pesquisar como a violência escolar é abordada pela mídia impressa, investigando a relação mídia-leitor. Para isso, nossa observação durante a pesquisa se voltou para os aspectos da mídia, abordando suas influências e suas possíveis contribuições para as resoluções de problemas na sociedade.

Inicialmente, devemos considerar que após as leituras em relação à mídia, chegamos à conclusão de que ela pode sim trazer ao seu receptor uma mensagem eficiente e de funcionalidade social.

Ficou claro que a abordagem sobre a temática pesquisada não nos apresentou muitos artigos sobre o tema, mas foi possível perceber a preocupação com esse tema em algumas das mídias estudadas.

Na revista Nova Escola, que tem como público leitor educadores, foram apresentadas reportagens a respeito dos preconceitos existentes nas escolas, sobre as necessidades do diálogo para a resolução dos problemas escolares, da importância da figura do gestor educacional como um colaborador para a solução dos conflitos e também foram citados discursos de professores que vivenciam momentos de “caos” nas escolas.

Foi percebida nas reportagens uma preocupação em ajudar educadores e estudiosos da área de educação, a compreender e solucionar os problemas com a violência na escola. Muitos dos artigos também apresentaram concepções de violência escolar relacionadas com a dos autores estudados.

Na revista Veja, que tem seu público mais abrangente e não específico, foram identificados artigos de diferentes características: alguns relatando fatos violentos, outros abordando a relação desarmônica entre professores e alunos, outro sobre crianças sendo aliciadas para o tráfico. Mesmo tendo sido notado a conduta desta revista em abordar de maneira mais densa o tema, e sabendo que isso ajuda a

construir nos seus leitores um imaginário mais negativo, é possível pensar na utilização de recursos e idéias apresentadas pela mídia, para contribuir nesse desafio de extinguir a violência das escolas.

Apesar de discursos diferenciados foi possível detectar nas mídias estudadas algumas demonstrações de trabalhos bem sucedidos realizados em escolas públicas, feitos com qualidade por professores, outros agentes educacionais, e até por alunos que algumas vezes são retratados como perigosos.

Por tudo o que vimos sobre mídia impressa e violência escolar, tendemos a crer que é necessário que a mídia estabeleça um diálogo com seu leitor a fim de possibilitar um melhor entendimento sobre os problemas relacionados às escolas, assim como auxiliar de maneira mais ativa nas soluções dos mesmos.

No caderno Folhateen, publicado às segundas-feiras pelo jornal Folha de São Paulo foram encontrados artigos de diferentes segmentos sobre a temática violência.

Vale ressaltar que, durante a pesquisa, o caderno de 8 de junho trouxe para seus leitores uma novidade: ao celebrar seus dezoito anos o Folhateen muda de visual e de conteúdo, aumentando o espaço do leitor, o que pressupõe uma maior participação do mesmo, o lançamento de novas colunas, com a intitulada “Você é o crítico”, para receber os textos de críticas dos CDs, músicas e demais assuntos sugeridos pelo caderno, apresentaram-se também novos colunistas que abordarão sobre novos assuntos com periodicidades alternadas, e o caderno também aumentou o espaço de canais para a interatividade com o leitor: tem blog, MSN e twitter, além do e-mail já existente.

Sabendo-se que o referido caderno constrói seus textos a fim de dialogar com o público jovem leitor, consideramos que suas reportagens deveriam trazer a realidade vivida pelos jovens para dentro do papel. Foi verificado que o suplemento traz diversificados assuntos, dentre eles artes em geral, com ênfase à música, pois muitas dicas são sugeridas, a discussão sobre sexo também se faz muito presente no caderno, dando a possibilidade de o leitor enviar suas perguntas e dicas para discussões. Além desses temas, percebeu-se que o caderno investe em propagandas voltadas ao seu público e muitas delas nos faz refletir sobre as condições financeiras de quem lê o Folhateen – muita propaganda de CDs, faculdades privadas e instrumentos tecnológicos que sabemos, não é fácil ser adquirido por um jovem de classe baixa.

Levando em consideração a nossa pesquisa sobre saber se essa mídia tem uma informação conscientizadora aos seus jovens leitores que possam vivenciar o referido tema nas escolas, percebemos que apesar de algumas reportagens terem sido encontradas, o caderno poderia se prontificar a discutir ainda mais esse e outros temas de maneira mais aprofundada, principalmente colocando sugestões de soluções e exemplos de trabalhos que deram certo em escolas e que possam ser levados a diante.

Durante esse estudo, tínhamos uma inquietação inicial – a de saber se a mídia, em seu discurso sobre a violência do âmbito escolar, preocupa-se em transmitir aos seus leitores uma informação conscientizadora, capaz de contribuir para a solução do problema da violência escolar. A inquietação foi respondida de forma positiva pela pesquisa, mas as necessidades de novas investigações, na busca de verificar futuramente se ocorreram mudanças nas observações apresentadas, será de grande valia.

Diante dos objetos estudados e sabendo-se que a análise apresentou alguns dados indicativos positivos, notamos que ainda é preciso avançar no conteúdo das questões e assuntos que abordam a violência escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Mirian (et al.) **Gangues, galeras, chegados e rappers. Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Brasília: Editora Garamond, 1999.

ADORNO, Sérgio. Violência: um retrato em branco e preto. In: GROSBAUM, Elena et al. (Orgs.). **Violência, um retrato em branco e preto.** São Paulo: FDE, 1994.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações.** Psicologia, Ciência e Profissão. 2002, 22 (2), 70-77.

ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CANDAU, Vera Maria; NASCIMENTO, Maria das Graças; LUCINDA, Maria da Consolação. **Escola e Violência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** Sociologias, Porto Alegre, n. 8, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* . Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** Campinas: Editora Verus, 2005.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico.** São Paulo: Editora UNESP, 1997.

GALTUNG, Johan. **Violência, paz e investigación sobre la paz.** Barcelona: Fontamara, 1986.

GREGORI, Maria Filomena (org.). **Desenhos familiares: pesquisa sobre famílias de crianças e adolescentes em situação de rua.** São Paulo: Alegro, 2000.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade.** Campinas: Autores Associados, 1996.

ITANI, Alice. **A violência no imaginário dos agentes educativos. Na mira da violência: a escola e seus agentes.** Caderno Cedes, Campinas v. 19, n.47, p. 36-50, dez. 1998.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia- estudos culturais: identidade política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LISBOA, Ingrid Valéria. A construção da violência urbana na revista *Veja*. Dissertação de Mestrado do Programa de Comunidade e Semiótica da PUC/SP, 2007.

MAFESSOLI, Michel. **Lógica da dominação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MAZZA, Débora. **“Decifra-me ou devoro-te”**: a violência no contexto escolar. São Paulo: Bolema, 2000.

MEDRADO, Hélio Iveson Passas. **Formas de negociação com a depredação**. *Caderno Cedes*, ano XIX, no. 47, dezembro de 1998.

MICHAUD, Y. **A violência**. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1989.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino – Repertório Analítico (séculos XIXXX)**. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 11-31.

PERALVA, A. **Escola e violência nas periferias urbanas francesas**. *Contemporaneidade e Educação*. Revista semestral de Ciências Sociais e Educação, Rio de Janeiro, ano II, n. 2, IEC, 1997.

PORTO, M.S.G. Violência e os meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. *Revista Sociologias*. Porto Alegre, V.8, Jul/dez. 2002, pág. 152-171. Disponível em: www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a07.pdf

RIBEIRO, Maria Salete. **A questão da família na atualidade**. Florianópolis: Ioesc, 1999.

RONDELLI, E. **Imagens da violência: práticas discursivas**. *Tempo Social*, São Paulo, v.10, n.2, p. 145-157, out. 1998.

ROSALEN, Patrícia Cristina. **O jovem infrator na visão dos profissionais da Febem-Rio Claro**. Monografia apresentada à Universidade Estadual Paulista. Rio Claro/SP: UNESP, 2001.

SALLES, L. M. F. ; SILVA, J. M. A de P . **Diferenças, Preconceitos e Violência no âmbito escolar: algumas reflexões**. *Cadernos de Educação (UFPEL)*, v. 30, p. 149-166, 2008.

_____. **A violência no âmbito escolar: considerações sobre a violência da e na escola**. In: 31ª Reunião Anual da Anped, 2008, Caxambu, Minas Gerais. 31ª Reunião Anual da Anped Anais, 2008. p. 1-15.

SILVA, Dora Alice Belavenutti Martins. **A mídia a serviço da educação: a revista Nova Escola**. Marília: UNIMAR, 2009. 116f. Disponível em: <http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/06B91DBAB57EB983A36331A142E67B98.pdf>.

SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. Cadernos de pesquisa, no. 124, julho de 1998.

TEIXEIRA, M.C.S.; PORTO, M.R.S. **Violência, insegurança e imaginário do medo**. *Caderno Cedes*. São Paulo, n. 47, p.51-66, dez. 1998.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 25^o. edição, 1999.

WASELFISZ, J. **Mapa da violência: os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

WHITAKER, Dulce. **Violência na Escola**. Revista Idéias, nº 21-FDE-SP, 1994.

SITES VISITADOS DURANTE A PESQUISA:

ACERVO DIGITAL VEJA: <http://veja.abril.com.br/acervodigital>

WIKIPEDIA, ENCICLOPÉDIA ON-LINE:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_Veja#Fatos_hist.C3.B3ricos ()

INSTITUTO DE VERIFICAÇÃO DE CIRCULAÇÃO (IVC): <http://www.ivc.org.br/>

<http://www.pcm.uem.br/media/dissertacoes/ddb902d3b4ab228.pdf>

<http://www.pcm.uem.br/media/dissertacoes/ddb902d3b4ab228.pdf>

http://www.alana.org.br/banco_arquivos/arquivos/docs/educacao/bolsas-de-estudo/2009/TCC_FLAVIA%20PARAVIDINO%20.pdf